

## EXPANSÃO

# Mercado vegano amplia leque de produtos no país

Aumenta a busca por alimentos, roupas e cosméticos sem traços de origem animal. Última pesquisa mostra que 14% dos brasileiros são vegetarianos

» MICHELLE PORTELA

Arquivo pessoal



Servidora pública Fabiola Dionis mudou estilo de vida há seis anos

Arquivo pessoal



Ricardo Laurino, presidente da SVB: "muito além da alimentação saudável"

Por amor aos animais ou consciência ambiental, os consumidores querem comida, maquiagem e outros produtos "livres de crueldade". Na alimentação, mais especificamente, de acordo com estudo realizado pelo Ibope Inteligência, em 2018, cerca de 14% da população brasileira se declara vegetariana; já de acordo com pesquisa do Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria) em 2021, 46% dos brasileiros já deixaram de comer carne, por vontade própria, pelo menos uma vez na semana.

"Podemos dizer que o vegetarianismo é uma linha do veganismo. O vegano faz uma opção total por não consumir produtos de base animal, uma visão mais contundente sobre o seu próprio comportamento, muito além de uma alimentação mais saudável", explica o presidente da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), Ricardo Laurino.

Além da parcela vegetariana da população, cresce muito rapidamente o número de pessoas que procuram reduzir o seu consumo de carnes e derivados. "Em um, dois, três ou vários dias por semana, os brasileiros têm optado por fazer refeições vegetarianas ou veganas", observa. Ele avalia que uma parte desse universo (de 46% da população, segundo o Ipec) são os milhões de adeptos da Segunda Sem Carne (SSC), movimento que existe no Brasil desde 2009 e que convida as pessoas a trocar, pelo menos uma vez por semana, a proteína animal pela proteína vegetal.

O movimento é conhecido mundialmente pelo seu embaixador o ex-Beatle Paul McCartney, mas o Brasil é reconhecido por ter "a maior SSC do mundo" — presente em refeitórios corporativos, escolas particulares e públicas, restaurantes e outras organizações, e tendo servido mais de 300 milhões de refeições com fontes vegetais de proteína desde o seu lançamento.

Embora ainda exista muita demanda não atendida, a oferta de restaurantes vegetarianos nos últimos anos vem aumentando rapidamente. Um mapa da Sociedade Vegetariana Brasileira mostra milhares de endereços que já oferecem boas opções veganas ([www.ondetemopcaovegana.com.br](http://www.ondetemopcaovegana.com.br)). Batizado de "Onde Tem Opção Vegana", o recurso reúne mais de 3,2 mil estabelecimentos no Brasil.

## Transição

"Até que ponto um sabor, um desejo por uma roupa ou um creme de beleza justificam o sofrimento pelo qual passam os animais se existem alternativas no mercado para evitar isso?" A questão fez a servidora Fabiola Dionis mudar o estilo de vida há seis anos. Segundo ela, se a resposta à pergunta é um "não justifica", vale se informar para tomar ações coerentes com esse

pensamento. Adepta do veganismo, Fabiola e o namorado, o empresário colombiano Randy Pulido, primeiro se tornaram vegetarianos, mas passaram a atuar também pela causa animal.

"Tomamos a decisão depois de adotar uma gatinha e seus filhotes, e o amor que começamos a sentir por eles nos fez questionar certos hábitos. Começamos, então, a estudar sobre o assunto e descobrimos os horrores da indústria, não somente da alimentação, mas da indústria como um todo. Então, fizemos a transição para o veganismo em menos de três meses", aponta.

Embora se sentissem solitários num primeiro momento, buscaram alternativas para manter a nova linha de vida adotada por ambos. As coisas melhoraram quando Fabiola se tornou voluntária em grupos veganos. "Comecei a conhecer muita gente com o mesmo propósito: conscientizar as pessoas e salvar animais", lembra.

Ainda de acordo com a pesquisa de 2018, encomendada pela Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) ao Ibope, os brasileiros que se consideram vegetarianos também estavam dispostos a escolher mais produtos veganos.

que registrou expansão de 16% no período. Já a demanda por crédito no varejo e em serviços apresentou queda de 17% e de 1%, respectivamente.

No confronto com junho, houve declínio na busca por crédito apenas no varejo, de 16%. Em contrapartida, a procura por financiamento em bancos e serviços subiram, pela ordem, 11% e 14%.

Na avaliação do diretor da Neurotech, Breno Costa, os números indicam que o mercado

tenta equilíbrio, dado o cenário de inadimplência, endividamento dos brasileiros e custo do dinheiro. "Estamos com movimento errático enquanto esse equilíbrio não for alcançado", diz.

## Segmento

De acordo com o levantamento, todas as categorias registraram queda na busca por crédito em julho ante junho. Na parte de eletrodomésticos, houve declínio

## Referências

**Para obter mais informações sobre o veganismo no Brasil, visite os sites das comunidades mais populares no país:**

- » Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB): ONG que promove a alimentação vegetariana como uma escolha ética, saudável, sustentável e socialmente justa.
- » Mercy for Animals Brasil: além de ser uma entidade da causa animal, apoia fortemente a causa vegana no país. A entidade já realizou diversos resgates de animais vítimas de maus tratos.

## Marcas

O veganismo é uma tendência global que cresce a cada dia no Brasil e já é tomado como oportunidade para grandes marcas. Fabiola Dionis aponta que entre os principais avanços está a diversificação do mercado de produtos veganos que ultrapassa a ideia de alimentação, como o de cosméticos. "Seis anos atrás não havia tanta oferta de produtos, mas é claro que o mercado começou a perceber essa demanda reprimida", avalia.

Segundo Randy Pulido, a evolução não é percebida unicamente no Brasil: "Viajo todos os anos para a Colômbia e digo que a oferta de produtos por lá aumenta nos supermercados a cada ano, muitos vindos do Brasil". Ele destaca sucessos empresariais nacionais como a Fazenda do Futuro, que hoje em dia comercializa seus produtos no Brasil e no exterior. "Seguindo o exemplo, muitas empresas brasileiras do setor foodtech têm investindo e apostado no setor, que tem vasto potencial de crescimento", conta o empresário.

Grandes marcas também voltaram os olhos ao mercado vegano. A maior empresa de alimentos do mundo, a Nestlé, está pronta para lançar mais produtos no segmento sob a marca e espera comercializar cerca de R\$ 1 bilhão até 2029.

Randy destaca ainda que, além da indústria alimentar, o veganismo está entrando com força na indústria da moda, "que já foi considerada uma das mais cruéis em se tratando de maltrato e abuso animal". As marcas de moda, brasileiras e internacionais, também apostam no mercado, investindo com inovação de "couros" derivados de fontes como maçã, uva, abacaxi, borracha, entre outros. No setor das montadoras de carros, marcas como BMW, Mercedes-Benz e Ferrari já oferecem alguns dos seus carros com interiores de couro vegano altamente tecnológico.

## Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

## Economia junk food

Tal como refeição junk food, rápida, saborosa e pouca nutritiva, o desempenho da economia no segundo trimestre suscitou análises de teor otimista entre analistas para os quais resultados estruturais correspondem a retornos dos capitais que administram no mercado de papéis, não o desenvolvimento de longo prazo. Depois das eleições, deverão mudar de lado, dependendo do veredicto das urnas.

O produto interno bruto (PIB) cresceu 1,2% no segundo trimestre ou 2,6% em 12 meses, deixando para trás a recessão durante os piores meses da pandemia e já está 3% acima do nível pré-crise, no último período trimestral de 2019. O crescimento no ano, que tende a 2,5% ou algo mais, fez o ministro Paulo Guedes se exceder, conforme seu feito exagerado: "O Brasil está voando, está seguro, está firme".

Estranho que não voasse num ano de eleições, quando os governantes candidatos à reeleição, com a conivência do parlamento e dos órgãos de controle, mandam a responsabilidade fiscal às favas. E não só.

A economia cresce graças a medidas temporárias, como a antecipação do pagamento do 13º dos aposentados, a liberação de saldos do FGTS, a reedição do Bolsa Família como Auxílio Brasil com bônus mensal de R\$ 400, adicionado de mais R\$ 200 entre agosto e dezembro, redução dos preços dos combustíveis e energia com a captura dos dinheiros do ICMS de estados e municípios destinados à educação e saúde.

O que virá depois? O próprio Guedes desmentiu no mesmo dia o resto de sua fala de levantador de PIB: "o Brasil está seguro e firme". A ser isso, não cogitaria estender, como disse, o já fadado "estado de emergência" que pediu ao Congresso aprovar usando o pretexto da guerra na Ucrânia. O fez para descumprir a impossibilidade legal de criar despesa à véspera de eleição. E não pode estar firme um país cujo governante de plantão deu calote nos precatórios.

Mas quem se importa, não é mesmo? Os economistas que incendiaram a imprensa denunciando a maquiagem orçamentária do governo Dilma, as tais "pedaladas", hoje elogiam os números das contas públicas. Eles são bons, se ignorarmos que parte dos gastos criados nos últimos três anos é bancada com créditos extraordinários omitidos das metas fiscais e do teto de gasto, que desde 2016 só admite sua expansão com base na inflação do exercício anterior. Significa que maquiagem contábil depende do lado ideológico de quem a pedala.

## Contradições e mentiras

E tome mais contradições e mentiras. Depois de elucubrar sobre o "estado de emergência" estendido, Guedes aventou a possibilidade de perenizar o bônus de R\$ 600 com a arrecadação adicional a vir da reforma do IR das empresas aprovada na Câmara e parada no Senado.

O projeto de lei reduz a alíquota do IR corporativo sobre o lucro das empresas e reintroduz a tributação dos dividendos — ou seja, do lucro distribuído aos acionistas. "A Câmara já aprovou o imposto sobre lucros e dividendos. Isso daria R\$ 69 bilhões", disse Guedes.

"Dá perfeitamente", segundo ele, para corrigir a tabela de IR das pessoas físicas, ao custo de R\$ 17 bilhões, mais a previsão de R\$ 52 bilhões com o Auxílio Brasil fixado em R\$ 600. Certo, não? Não!

A se confiar no que Bolsonaro, Guedes e o avalista da reforma do IR, o presidente da Câmara, Arthur Lira, disseram, o impacto sobre as empresas seria neutro. O que as empresas passassem a pagar a menos de IR sobre o lucro seria equivalente ao cobrado dos acionistas na distribuição dos dividendos. A carga tributária das empresas seria a mesma, mudaria apenas a origem da arrecadação.

Guedes escancarou a intenção sub-reptícia ao associar a reforma do IR com a permanência do Auxílio Brasil em R\$ 600. Na proposta de lei orçamentária para 2023, o bônus será de R\$ 405 e não prevê nem correção da tabela do IR, defasada desde 2015, nem aumento real do salário mínimo. E tem empresário que aplaude tudo isso.

## Reacionarismo e cambalacho

Uma ampla reforma tributária está no radar de todos os candidatos para o início da nova legislatura. Difícil é que possa avançar sem estar inserida num plano minimamente crível de crescimento movido a investimentos em corredores de logística, geração de energia limpa e em capacitação produtiva baseada na experiência internacional que permita às empresas inovadoras envolver-se na competição global nos setores automotivo, baterias elétricas, tecnologia de comunicação, pesquisa militar, a área da saúde e fármacos, semicondutores etc.

Pesquisa e desenvolvimento são o foco. É a nossa maior carência. O alinhamento de propósitos públicos e privados requer governança política visionária e Estado voltado aos interesses nacionais, não, como hoje, aos seus agentes e a ideologias sem aderência com nossas aflições, dissociadas das referências que as inspiram à direita e à esquerda no mundo. Hoje, há muito reacionarismo e cambalacho.

O que poderia conter um bom plano de desenvolvimento? Em tese, ele deve favorecer a interação dinâmica das estratégias empresariais inovadoras com a política governamental de desenvolvimento. Não há a mais remota chance de uma sociedade enriquecer sem políticos com consciência institucional, sem Estado bem gerido e sem empresariado disposto a correr riscos e compartilhar os frutos de sua expansão.

## Espelho de elite acomodada

Fato é que estamos com crescimento econômico estagnado desde a reforma monetária de 1994, entretidos por crenças sem evidência histórica de que Estado mínimo, economia desregulamentada e corte de custos bastam para agitar o espírito empreendedor.

Na prática, a economia tem se movido por estímulos ao consumo, não se renovou desde então, e os governantes acham que está tudo bem, se o agro e a mineração garantem a solvência das contas externas. É o caminho da crise. Comum a estados petrolíferos, como Venezuela, ou sem ímpeto empreendedor, como Argentina. Todos carecem de indústria dinâmica e de serviços sofisticados, ambos interdependentes.

Não culpem só os dirigentes públicos e os políticos. Eles são o espelho de elites empresariais despreparadas e acomodadas, como as que cobram de Lula submissão a desígnios neoliberais que corroeram a sua capacidade empreendedora e aplaudem estultices de Bolsonaro.

Se trocassem o junk food político pelo nutritivo arroz com feijão, teriam melhor sorte, o Auxílio Brasil seria exceção e não a regra e o país seria a potência global que um dia ambicionamos em ser.

## CONJUNTURA

# Busca por crédito no país cresce 8%

A busca por financiamento no país subiu 6% em julho na comparação com junho deste ano e cresceu 8% em relação ao sétimo mês de 2021. É o que mostra o Índice Neurotech de Demanda por Crédito (INDC). O indicador mede mensalmente o número de solicitações de financiamentos nos segmentos de varejo, bancos e serviços.

A alta do INDC em julho ante o mesmo mês do ano passado foi puxada pelo setor financeiro,